

Ações colaborativas entre o PIBID e o Núcleo de Estudos em Diversidade de Gênero e Sexual: dialogando na escola

Roniel Santos Figueiredo

Biólogo, Mestrando em Relações Étnicas e Contemporaneidade,
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
ronielbiologia@hotmail.com

Marcos Lopes de Souza

Professor do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade e do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
markuslopessouza@gmail.com

Ana Angélica Leal Barbosa

Professora do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
aabarbosa@uesb.edu.br

Thais Santos Santana

Licenciada em Ciências Biológicas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
thaisantana13@hotmail.com

Luciane Silva Rocha

Professora da Rede Estadual de Ensino da Bahia
ls.rocha@outlook.com.br

Erro! Fonte de referência não encontrada.

Este texto apresenta e analisa uma das ações desenvolvidas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Biologia, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Jequié, em parceria com o Núcleo de Estudos em Diversidade de Gênero e Sexual, no ano de 2014, com o propósito de dialogar sobre as situações de violência contra as mulheres e a comunidade LGBTTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais) presentes nos espaços escolares. Diante disso foi elaborada e desenvolvida uma sequência didático-pedagógica sobre *Sexualidade, Gênero e Diversidade Sexual* em uma turma de segundo ano do ensino médio de uma escola estadual, parceira do PIBID. Durante a execução da proposta os/as discentes trataram o assunto como pouco importante e mostravam posicionamentos sexistas e homofóbicos. Com o avançar da proposta os/as discentes se envolveram nas discussões e ao final repensaram alguns dos seus posicionamentos sobre a temática.

Palavras-chave: Gênero. Diversidade sexual. Educação básica. Extensão universitária.

INTRODUÇÃO

O contexto em que são construídas as discussões sobre gênero e sexualidade pode ser considerado como um campo tênue, em que se expressam as relações de poder buscando normatizar e normalizar essas questões. Isso contribui para que as compreensões dos corpos sejam concebidas aos extremos, desde visões pecaminosas, que encaram a sexualidade como algo que precisa ser retido, silenciado, restrito ao campo do privado e estabelecendo “pré-requisitos” para que ela seja manifestada - geralmente essa visão é reiterada por alguns pensamentos fundamentalistas, até situações nas quais o corpo torna-se objeto de consumo midiático, sendo exibidas silhuetas “bem desenhadas”, de formas “exuberantes”. Essas situações moldam as concepções do que é ou não permitido, do que é considerado feio ou bonito, e gerando, portanto, uma preconceição social que percebe como “anormal” as pessoas e grupos que não se encaixam no que é esperado, reiterando preconceitos e gerando discriminações (COSTA, 1997; LOURO, 2008a).

Diante do exposto, assumir os diálogos sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar torna-se um desafio. Entendemos que a escola ainda tem se configurado como um espaço de separação e fixação de sujeitos, utilizando, para isso, diversos critérios, um deles sendo por sexo/gênero. O autor do artigo se recorda, quando em uma escola em que trabalhou há algum tempo, a diretora entrou em sua aula muito furiosa para reclamar de um garoto por alguma peraltice a qual não se recorda, porém ele lembra que ela gritou em alto e bom som: “Seja homem! Assuma o que você faz! Aprenda a ser homem!”. Ele percebeu mais uma vez, naquele instante que, de fato, ser homem/mulher são coisas “aprendidas” e avaliadas a todo instante. Há um currículo que controla desde os corpos até os brinquedos designados aos sexos/gêneros, passando pelas atitudes esperadas em sala de aula e chegando até as profissões impostas aos meninos e às meninas (JUNQUEIRA, 2012).

Na escola há uma reiteração da norma heterossexual com suas manifestações também padronizadas: para o masculino tem-se o rapaz viril, exalando testosterona em suas atitudes másculas, e, para o feminino, a menina meiga, dócil e submissa ao masculino. As pessoas que escapam à heteronormatividade são consideradas “estranhas” e “indesejáveis” e passam a ser rejeitadas e desprezadas por muitas/os estudantes, sofrendo processos discriminatórios contínuos (MISKOLCI, 2005).

Diante dos elementos supracitados, é perceptível a necessidade de uma análise aprofundada do ensino em vigor em nossas escolas, para que reconheçamos as diferenças, evitando diluí-las, e, ao mesmo tempo, não as hierarquizando e reconhecendo as pequenas e grandes segregações que ocorrem nesse lugar de construção de saberes (LOURO, 1997). Além disso, muitos/as professores/as não se consideram aptos/as a discutirem a temática, associando essa situação ao fato de não terem tido essas questões durante os processos de formação inicial ou continuada. Outros/as se arrisca-se a discutir e, muitas vezes, utilizar-se de subterfúgios para se esquivarem dos possíveis questionamentos que possam surgir ao tratar dessa temática considerada polêmica e perpassada por tabus (BORGES et al., 2011). Entretanto, como afirma Azevedo (2013, p. 14), “é importante entender que não cabe aos (às) gestores (as) e/ou professores (as) a decisão de abordar ou não questões relacionadas à sexualidade na escola, pois essas circulam espontaneamente dentro e fora da sala de aula”.

Corroborando com isso, consideramos relevante a ampliação das discussões sobre gênero e sexualidade no espaço escolar. Portanto, foi proposta uma ação educativa envolvendo essas questões em uma escola estadual parceira do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Biologia, da Universidade Estadual do

Sudoeste da Bahia, *campus* de Jequié-BA. O PIBID é um programa do governo federal que articula docentes universitárias/os, licenciandas/os e professoras/es do ensino básico, objetivando fomentar a iniciação à docência de licenciandos/as para atuarem nas escolas públicas e estreitar os laços entre a universidade e as escolas (BRASIL, 2010).

Para a elaboração e o desenvolvimento dessa sequência didático-pedagógica sobre gênero e sexualidade, foi realizada uma parceria com o Núcleo de Estudos em Diversidade de Gênero e Sexual, programa de extensão universitária da UESB, *campus* de Jequié, que tem como propósito principal produzir ações nas diferentes instâncias socioculturais, a fim de problematizar os estigmas e estereótipos em relação à população LGBTTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais) e contribuir para a convivência e o reconhecimento da diversidade de gênero e sexual.

O núcleo de extensão desenvolveu uma ação formativa com as/os participantes do referido subprojeto de Biologia do PIBID durante, aproximadamente, três meses e, posteriormente, um grupo menor desse PIBID realizou uma intervenção em uma das escolas parceiras do programa. Neste artigo apresentamos, portanto, os resultados dessa experiência realizada com as/os discentes do ensino médio e que objetivou problematizar as questões de sexualidade e gênero, a fim de minimizar os processos discriminatórios.

DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES EDUCATIVAS NA ESCOLA

As intervenções educativas sobre as temáticas “gênero e sexualidade” foram desenvolvidas como uma das ações do PIBID, subprojeto de Biologia, envolvendo uma licencianda e um licenciando que desejaram discutir a temática em conjunto com a professora supervisora e regente da classe em questão e sob orientação da coordenadora do subprojeto e do coordenador do Núcleo de Estudos em Diversidade de Gênero e Sexual e também orientador do primeiro autor deste trabalho.

A experiência foi realizada com um grupo de estudantes do segundo ano do ensino médio de uma escola estadual da cidade de Jequié-BA. A turma era constituída por 28 discentes, sendo 15 alunas e 13 alunos, provenientes de diferentes bairros da cidade, pois a escola atende a um público diversificado no que se refere à localização geográfica no município. Sobre o perfil discente, é possível afirmar que há uma variação referente à idade (entre 15 e 18 anos), sendo que a maioria apresentava 17 anos.

A sequência didática foi estruturada em sete oficinas que abarcam os conteúdos sobre sexualidade e gênero, abordando aspectos não apenas biológicos, mas também socioculturais. A intervenção foi realizada entre os meses de outubro e novembro de 2014. Cada oficina teve duração de, aproximadamente, duas horas-aula, totalizando quinze horas-aula de discussão da temática de forma mais intensa e ampla.

As ações ocorreram no horário da disciplina de Biologia, a qual tem a carga horária de duas horas-aula semanais. Com a necessidade de considerar o conteúdo programático selecionado pela instituição, foi reservado um horário semanal para a execução da proposta sobre sexualidade e gênero, enquanto o outro era utilizado para a continuidade da proposta curricular preestabelecida. As oficinas ocorriam no primeiro horário das sextas-feiras, às sete horas; no entanto, durante alguns dias a proposta extrapolava o tempo disponível e era utilizado parcialmente ou integralmente o horário subsequente, que pertencia à disciplina de Filosofia.

No primeiro encontro detalhou-se a proposta e introduziram-se questões iniciais referentes à temática sexualidade e gênero. Para nortear o debate foram apresentadas algumas personalidades famosas e elas/eles responderiam se “curtiam” ou “não curtiam” e o porquê, levando em consideração a forma na qual a pessoa se vestia e se comportava. Na segunda

oficina foi aplicada uma dinâmica na qual foram apresentados diversos objetos que carregam marcas de gênero, para que elas/eles dissessem se esses seriam apropriados para homens e mulheres, problematizando as (im)possibilidades visualizadas pelo grupo. Posteriormente, foi exibido o curta-metragem *Vestido Novo* e finalizou-se com uma roda de conversa, colocando em questão as imposições sociais em relação às questões de gênero.

No terceiro encontro debateu-se sobre diversidade sexual, com a leitura em grupo do texto *Por que os gays são gays?* (SZKALARZ, 2006), problematizando-o. Depois foi solicitada uma sinopse oral do texto, com discussões das ideias das/os discentes e contextualização das diversas possibilidades de vivências da sexualidade. No quarto encontro foi trabalhado o tema transexualidade e transvestilidade por meio da discussão do capítulo *Tentando ser mulher*, do livro

Viagem Solitária (NERY, 2011) e, em seguida, com a exibição da entrevista do autor do livro (João Nery) no Programa do Jô na Rede Globo.

Na quinta intervenção foi solicitado que as/os discentes se reunissem em grupos e construíssem painéis com um dos seguintes desenhos: homem de frente, homem de costas, mulher de frente e mulher de costas, e marcassem com tinta vermelha as partes que considerassem prazerosas. Após a discussão dessa atividade foram realizadas leituras e discussões de alguns depoimentos de estudantes jovens publicados no trabalho de Furlani e Lisboa (2012) que relatavam experiências vividas por eles/elas em relação à masturbação e virgindade.

Na sexta oficina foi abordado o tema práticas sexuais e saúde para sexualidade por meio de uma dinâmica, na qual as/os discentes receberam placas com nome de práticas sexuais para agruparem como de alto risco, médio risco, baixo e nenhum risco em relação à transmissão da AIDS. Além disso, foram discutidas sobre algumas Doenças Sexualmente Transmissíveis/DST e as formas de prevenção, baseando-se nas ideias de vulnerabilidade.

No sétimo e último encontro foi realizada uma dinâmica, na qual foram fixadas plaquetas (com nome de grupos que são comumente discriminados) nas costas das/os discentes e as/os demais alunas/os demonstravam por gestos a forma com que esses grupos são tratados pela sociedade, possibilitando assim que as/os estudantes se colocassem na posição de pessoas discriminadas. Logo em seguida, foram apresentados alguns vídeos com depoimentos de mães que perderam seus/suas filhos/filhas em crime de lesbo/homo/bi/transfobia (aversão e rejeição às lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros).

Na execução dessa proposta didática foram feitos os registros das discussões ocorridas em sala de aula por meio de um diário de campo elaborado pelo autor do artigo. Conforme Bogdan e Biklen (1994), as notas de campo se configuram como o relato daquilo que a/o pesquisadora/pesquisador enxerga, ouve, sente e experiencia no decorrer do estudo. Além disso, as atividades feitas pelas/os estudantes foram utilizadas para discutir os resultados da experiência desenvolvida. Ressalta-se que os nomes apresentados nesse artigo são fictícios, a fim de se preservarmos os sujeitos envolvidos no trabalho.

AS (DES)CONSTRUÇÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE POTENCIALIZADAS POR MEIO DA EXPERIÊNCIA DESENVOLVIDA

Inicialmente, a participação e as discussões nas atividades realizadas foram superficiais, não favorecendo com que o objetivo do trabalho fosse alcançado. Muitos/as apresentavam atitudes de deboche, falavam do assunto em tom jocoso, dificultando as ações, possivelmente por ser um tema pouco trabalhado, sendo mais ‘discutido’ em rodas de amigos/as de maneira informal, possibilitando que os/as participantes considerassem aquele momento como atípico e fora da vivência escolar, reduzindo assim a sua importância.

Ao se trabalhar as *questões de gênero*, percebemos que, de início, a turma trouxe algumas marcas reiteradas pelo campo da biologia, no caso, o fato de o homem apresentar pênis e cromossomos sexuais XY e a mulher ter seios, vagina e os cromossomos sexuais XX. Outras características também foram citadas, por exemplo, a associação do homem com atitude de liderança, deixando nas entrelinhas que a atitude de mulher é a de submissão. Além disso, a maioria dos presentes entendeu que a mulher deve ser sensual, delicada, magra e angelical.

O grupo também mencionou que a heterossexualidade é uma característica marcante nos homens e, dessa forma, aqueles que não se identificassem como heterossexuais não seriam vistos como homens. Esse pensamento de que o homem “perderia” seu gênero e a sua masculinidade caso se percebesse como gay ainda é potente em nossa cultura e os que desafiam essa norma são constantemente inferiorizados. Nos debates, elas/eles defendiam os seus posicionamentos com muita propriedade, mostrando que não tinham dúvidas sobre o que acreditavam. Louro (2007) elucida sobre essa composição dos gêneros e as importantes marcas que são “esperadas socialmente” para legitimar o sujeito como pertencente a determinado gênero e não a outro.

Ao serem apresentados alguns objetos para que os/as discentes identificassem como de homem, mulher ou de ambos, elas/eles associavam os objetos a determinada identidade de gênero e mostravam-se irredutíveis em transpor essas marcas. Isso ainda foi mais fortemente reiterado quando relacionado aos homens, em que uma série de itens (como batom, pinça, esmalte e chaveiro com urso) não lhes seria permitido usar, de acordo com as convicções do grupo confrontado. Quando questionado se um homem poderia usar um batom, um aluno respondeu em tom ríspido:

Lucas: *Vira viado! Imagine se João (outro aluno da turma) viesse pra escola todo maquiado, de saia, de batom. Todo mundo ia dizer que ele é viado (a turma inteira riu).*

Fazendo uso do exemplo dado por Lucas, João, ao se vestir dessa forma, se afastaria do padrão, tornando-se desviante, “excêntrico” e estranho, compondo o grupo das pessoas ditas extravagantes e sendo motivo de piadas e discriminações (LOURO, 2013). Junqueira (2012, p. 286) ao analisar essas brincadeiras, percebe que “ora camuflam ora explicitam injúrias e insultos, que são jogos de poder que marcam a consciência, inscrevem-se no corpo e na memória da vítima[...]”.

Essa situação intensificou-se ao ser trabalhada a *diversidade sexual*, pois eles/elas discutiam com posicionamentos rígidos e a maioria mostrava que não seria possível conviver com gays ou “viados”, como eles/elas se referiam. Por outro lado, nos animavam outras vozes, mesmo que menores em quantidade, com posicionamentos diferentes e que questionavam aquelas “certezas” enfatizadas. Geralmente, esses posicionamentos vinham de mulheres e recordamos apenas de um garoto que, ao iniciar a defesa da homossexualidade como algo legítimo, teve a sua fala silenciada por colegas que “duvidavam” de sua heterossexualidade. Descrevemos abaixo um dos trechos das discussões realizadas em sala de aula.

Pedro: *“Deus não fez o homem pro homem ou mulher pra mulher, acho isso muito errado!”*

Leandro: *“Viado é coisa de descarado. É descaração mesmo. É descaração mesmo e acabou!”*

Joana: *Como pode ser descaração? Ninguém vai escolher sofrer tanto preconceito!*

João: *O erro só é reconhecido quando a gente tem consciência. A medicina e religião dizem que é errado.*

Luana: *Que erro, véi?(sic).*

Essas ideias apresentadas por Leandro, João e Pedro revelam o quanto o preconceito e a discriminação estão imbricados no contexto escolar. Ao associar o homossexual à “descaração”, colocam-no em um lugar de alguém sem pudor, desavergonhado, o que é visto pela norma como indesejável. No depoimento de João, os discursos médico e religioso legitimam a heterossexualidade como norma e compreendem as “outras” expressões da sexualidade como desviantes ou anormais, comoreafirmado pela fala de Pedro, evidenciando que o discurso religioso circula no espaço escolar. Percebemos que não se tratava apenas de opiniões soltas, sem contexto, mas algo enraizado, cultivado durante a vida daquelas pessoas, culminando em um ódio que, a nosso ver, seria incabível.

Uma situação que nos chamou a atenção de maneira especial foi um aluno percebido pelos/as colegas como alguém com atitudes femininas, por andar com meninas, ser sensível, falar baixo etc. Isso fazia com que os/as demais colegas se dirigissem a ele de maneira jocosa, dizendo que ele era um exemplo de homossexual e que havia ficado com uma menina para desviar os olhares normatizadores dos/as colegas. Esse aluno foi posto à margem por não ter atitudes consideradas masculinas. Essa marginalização tem o objetivo de demarcar a posição de domínio dos sujeitos ditos “normais” e “anormais”. Há uma vigilância dos corpos e dos sujeitos, e quem escapa é insultado de inúmeras maneiras para que retorne ao caminho entendido como “correto” e “natural” (JUNQUEIRA, 2012).

Ao falarmos de *transexualidade e travestilidade*, notamos que os/as alunos/as não conseguiam compreender essas expressões de gênero, pois entendiam que havia apenas duas possibilidades (ou se é homem ou mulher), sendo a transgeneridade considerada antinatural, por considerar as ambiguidades, a vivência das fronteiras e, dessa maneira, escapando ao rígido sistema (LOURO, 2008b).

Quando discutimos sobre sexualidade e prazer, observamos a maneira de alguns/algumas alunos/alunas perceberem seus corpos como um instrumento de sedução, produção e recepção de prazer. Eles/Elas focaram nas regiões genitais como principais propulsoras de prazer, revelando uma visão limitada das potencialidades de seus próprios corpos. Essas proposições se intensificaram com o grupo que ficou responsável por discutir a região posterior do homem.

Beatriz: *A bunda é só para passar a mão, não para enfiar o dedo.*

Débora: *Um homem com uma bunda redondinha é uma delícia.*

Luís: *Bunda é área proibida.*

Embora mulheres e homens apresentem bumbum, há uma normatização de que apenas a mulher sente ou deve sentir prazer nessa região, enquanto o homem não. A exceção é feita quando uma mulher deseja tocar na bunda do homem, mas sem “ultrapassar” o limite. Penetrar o ânus do homem é extrapolar a barreira, pois se entende que a masculinidade perpassa a negação desse prazer. Também notamos o quanto a mulher é vista como objeto de sedução, que deve proporcionar prazer ao homem, tendo a obrigação de excitá-lo. Para o grupo, as regiões erógenas do corpo da mulher estariam reduzidas a vagina, nádegas e seios.

Quando dialogamos sobre a violência contra lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros, identificamos que alguns/algumas estudantes se reconheceram como agentes promotores dessas exclusões. Muitos/as se mostraram sensibilizados/as com os depoimentos de sofrimento apresentados por aquelas/es que apresentavam expressões de gênero e/ou de

sexualidade destoantes da norma e, como elas/eles, ainda continuam sendo excluídos/as, silenciados/as e, na pior das hipóteses, mortos/as...

FINALIZANDO...

A realização desse trabalho foi algo desafiador e prazeroso. Em alguns momentos os posicionamentos foram surpreendentes, pois, por se tratar de jovens, esperávamos que tivessem posicionamentos mais abertos, algo pouco observado. Defendemos a necessidade de a escola promover momentos de discussão dessa temática desde a educação infantil. Ter receios, dúvidas e incertezas faz parte desse processo; portanto, é relevante continuarmos instigando nossas/os educadoras/es a se enveredarem por esses caminhos, a fim de conseguirmos promover uma educação pluralista e acolhedora das diversidades sexuais, de gêneros e tantas outras, capaz de problematizar o modelo dicotômico, estável e normatizador ainda existente.

Collaborative actions between PIBID and the Núcleo de Estudos em Diversidade de Gênero e Sexual: dialoguing at school

Abstract

This paper presents and analyzes one of the actions developed by the Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation (*Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID*), subproject Biology, from the State University of Southwest Bahia (UESB), Jequié campus, in partnership with the Center for Research on Sexual and Gender Diversity in 2014, in order to discuss situations of violence against women and the LGBTTI community (lesbian, gay, bisexual, transvestite, transgender and intersex) present in school settings. Accordingly, a didactic/pedagogical sequence on Sexuality, Gender and Sexual Diversity was drafted and developed in a second year high school class of a public school, PIBID's partner. During the achievement of the proposal, the students approached the issue as unimportant and showed sexist and homophobic positions. Advancing in the proposal, the students involved themselves in the discussions and at the end they reviewed some of their thoughts on the subject.

Keywords: gender; sexual diversity; basic education; university extension.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, S. M. M. **Estudo investigativo da disciplina Educação para a Sexualidade em escolas da rede municipal de Jequié-BA**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Formação de Professores) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Jequié, BA.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora Ltda. 1994.

BORGES, Z. N.; PASSAMANI, G. R.; OHLWEILER, M. I.; BULSING, M. Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul/Brasil). **Educação em Revista**, n.39, p. 21-38, jan./abr., 2011.

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências. **D. O. U. de 25/06/2010.**

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência:** dilemas e crescimentos. 9. ed. L&PM, 1997.

FURLANI, J.; LISBOA, T. M. Subsídios à educação sexual a partir de estudo na internet. In: MEYER, D. E.E. et al. **Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens.** Porto Alegre:Mediação, 2012, p. 145-161.

JUNQUEIRA, R.D. Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar. In: MISKOLCI, R; PELÚCIO, L. **Discursos fora da ordem:** sexualidade, saberes e direitos. São Paulo: Ananablume, 2012, p. 277- 303.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 9-34.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pró-Posições**, v. 19, n.2, 2008a, p. 17-23.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** 1ed; 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008b.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 43-53.

MISKOLCI, R. Um corpo estranho na sala de aula. In: ABRAMOWICZ, A.; SILVÉRIO, V. R. (orgs.). **Afirmando diferenças:** montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. Campinas: Papyrus, 2005, p. 13-26.

NERY, J. W. **Viagem solitária:** memórias de um transexual 30 anos depois. São Paulo: Leya, 2011.

SZKALARZ, E. Por que os gays são gays. **Revista Super Interessante**, v. 222, p. jan., 2009.

Roniel Santos Figueiredo, Marcos Lopes de Souza, Ana Angélica Leal Barbosa, Thais Santos Santana,
Luciane Silva Rocha

Data de submissão: 02/08/2016

Data de aceite: 05/09/2016